

O desempenho das exportações gaúchas em 2016: baixo dinamismo global e recuo dos produtos básicos*

Tomás Amaral Torezani^{***}

Pesquisador em Economia da Fundação de Economia e Estatística, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente artigo avalia o desempenho exportador do Rio Grande do Sul no ano de 2016, contexto de baixo crescimento do comércio e da atividade econômica globais. Em 2016, as exportações gaúchas de bens totalizaram US\$ 16,578 bilhões, uma redução de US\$ 939,9 milhões (-5,4%) em relação a 2015. A retração das receitas ocorreu a despeito do crescimento de 2,5% nos preços médios dos produtos exportados, sendo ocasionada pela queda de 7,6% no volume embarcado ao exterior. Enquanto o valor auferido em dólar alcançou o menor patamar desde 2010 e registrou o terceiro ano consecutivo de queda, o volume embarcado foi o segundo maior da história, atrás apenas do de 2015. Já os preços médios dos produtos exportados voltaram a crescer após dois anos de fortes quedas.

Palavras-chave: exportações; análise conjuntural; Rio Grande do Sul

Abstract

This article evaluates the exports performance of the State of Rio Grande do Sul in 2016, in a context of low growth of global trade and economic activity. In 2016, the state's exports of goods reached US\$ 16.578 billion, a decrease of US\$ 939.9 million (-5.4%), when compared to the figures of 2015. The drop in revenues occurred despite the 2.5% growth in the average prices of the exported goods, due to the 7.6% decrease in the quantum shipped abroad. While the value in dollars reached the lowest level since 2010 and recorded the third consecutive year of falls, the volume shipped was the second largest in history, being only smaller than the one of 2015. On the other hand, the average prices of exports started rising again after two years of sharp decline.

Keywords: exports; conjunctural analysis; the State of Rio Grande do Sul

1 Introdução

Em 2016, as exportações gaúchas de bens totalizaram US\$ 16,578 bilhões, uma redução de US\$ 939,9 milhões (-5,4%) em relação a 2015. A retração das receitas ocorreu a despeito do crescimento de 2,5% nos preços médios dos produtos exportados, sendo ocasionada pela queda de 7,6% no volume embarcado ao exterior. Enquanto o valor auferido em dólar no ano de 2016 alcançou o menor patamar desde 2010 e registrou o terceiro ano consecutivo de queda, o volume embarcado foi o segundo maior da história, atrás apenas do de 2015. Já os pre-

* Artigo recebido em 04 maio 2017.
Revisora de Língua Portuguesa: Tatiana Zismann.

** E-mail: torezani@fee.tche.br

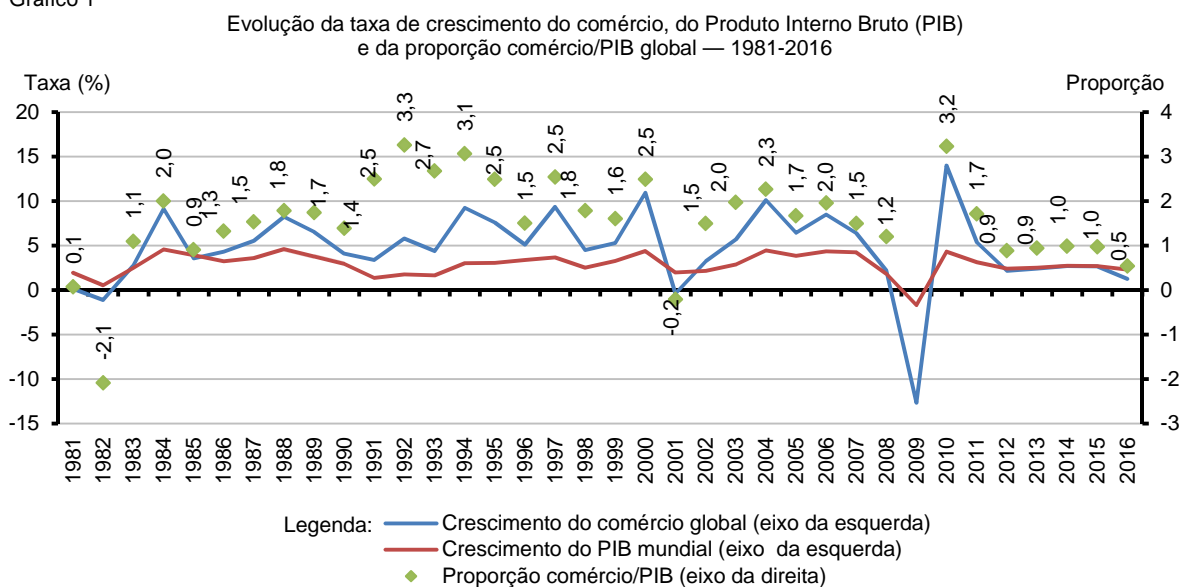
ços médios dos produtos exportados voltaram a crescer após dois anos de fortes quedas. O resultado coloca o Estado como o quarto maior exportador nacional (8,9%), atrás de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Os principais produtos que contribuíram para o resultado negativo no ano foram os grãos, sobretudo a soja, o trigo e o arroz. Por outro lado, as vendas externas de produtos industrializados, como celulose, calçados e automóveis, cresceram, com recordes em alguns produtos. Em termos de mercados de destino, os maiores recuos foram verificados nas vendas para China, Vietnã e Venezuela.

O objetivo do presente artigo consiste em avaliar o desempenho das exportações gaúchas em 2016, comparando-o com o do ano de 2015. Utilizam-se os dados de exportações de bens do Sistema AliceWeb (Brasil, 2017), proveniente do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Para tanto, o trabalho estrutura-se da seguinte forma: além desta **Introdução**, a seção 2 apresenta um panorama econômico global e alguns condicionantes que afetaram os fluxos comerciais globais em 2016, com o intuito de contextualizar o desempenho das exportações gaúchas a questões externas; a seção 3 avalia as vendas externas do Rio Grande do Sul no contexto das exportações brasileiras, comparando-as com o desempenho dos principais estados exportadores; a seção 4 analisa, de fato, a *performance* exportadora do Estado do Rio Grande do Sul em 2016, levantando os principais produtos gaúchos embarcados ao exterior e os principais mercados de destino; por fim, a última seção remete às **Considerações finais**.

2 Panorama do comércio internacional

O comércio internacional é bastante dependente da atividade econômica global, uma vez que quanto maior o crescimento econômico mundial, maior o crescimento do fluxo comercial de bens e serviços. Historicamente, sobretudo a partir da globalização produtiva, financeira e comercial, o comércio global sempre cresceu a taxas muito superiores ao crescimento do produto global. Observando-se o Gráfico 1, apreende-se que essa proporção era praticamente equivalente (1:1) na década de 80, mas, na década de 90, o comércio internacional passou a crescer 2,3 mais do que o Produto Interno Bruto (PIB) global, ou seja, mais do que o dobro. Já no período que se estende de 2000 até a crise financeira internacional de 2008-09, essa proporção passou para 1,6. Assim, dos anos 80 até a referida crise, o comércio cresceu 1,6 vezes o crescimento do PIB global. Contudo, no período pós-crise, essa proporção voltou a ser 1:1, com a taxa de crescimento do comércio desacelerando-se pela metade. Logo, na história recente, a atual etapa de baixo dinamismo do comércio mundial não tem precedentes desde os anos 80. Nesse tocante, na esteira do fraco desempenho dos últimos anos, o ano de 2016 registrou a menor proporção de crescimento comércio/PIB dos últimos 15 anos, desconsiderando-se o ano de 2009, de plena crise econômica e internacional.

Gráfico 1



FONTE DOS DADOS BRUTOS: World Bank Group (2017a).

World Trade Organization (2017).

NOTA: 1. O PIB global de 2016 é uma estimativa do Banco Mundial.

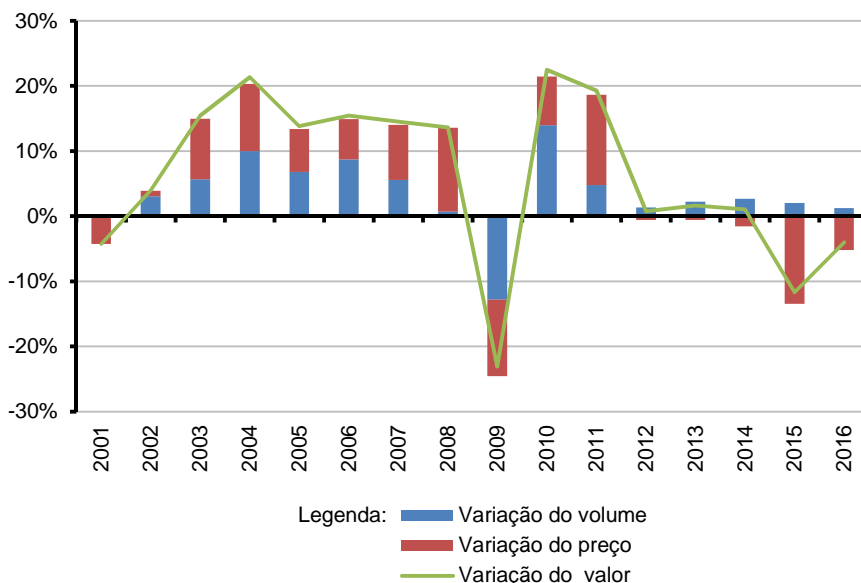
2. A taxa de crescimento do comércio refere-se ao volume (*quantum*) de bens.

3. A taxa de crescimento do produto refere-se ao PIB real.

Para além da evolução do volume dos fluxos comerciais de bens, o Gráfico 2 também apresenta a evolução dos índices de valor e de preço do comércio mundial de 2001 até 2016. Apreende-se do Gráfico 2 que, a partir de 2012, o crescimento do valor do comércio global foi bastante fraco (bem abaixo do nível dos anos anteriores), embora positivo até 2014. Entretanto, em 2015 e 2016, a variação do valor tornou-se negativa. A explicação encontra-se no recuo dos preços iniciados em 2012, ganhando magnitude com o passar dos anos, a reboque do fim do *boom* das *commodities*. Por outro lado, o volume do comércio global apresentou crescimentos nesse período, embora eles venham desacelerando nos últimos anos.

Gráfico 2

Variação dos índices de volume, valor e preço do comércio global de bens — 2001-16



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Netherlands (2017).

NOTA: 1. Ano contra o ano anterior.

2. O índice de valor foi obtido implicitamente.

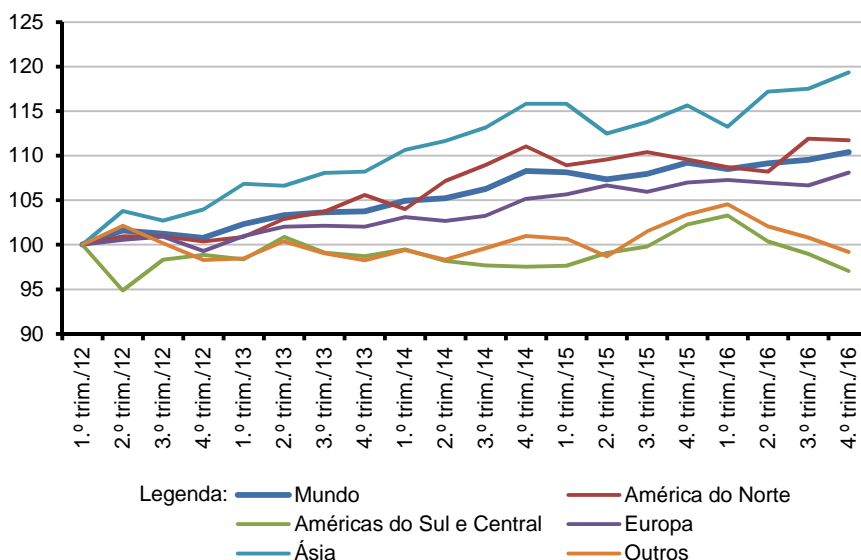
Ainda pode-se decompor a evolução do volume das exportações e importações globais por regiões trimestralmente, a fim de identificar especificidades de uma determinada localidade em um dado período. A desaceleração dos embarques mundiais, desde 2014, deu-se tanto nos países desenvolvidos quanto nas economias emergentes, embora, nessas últimas, o recuo tenha sido mais intenso. Os Gráficos 3 e 4 evidenciam que regiões geográficas foram afetadas em magnitudes diferentes pela desaceleração do comércio nos últimos anos e, em particular, em 2016.

O baixo crescimento do volume mundial foi puxado pelos embarques da Ásia, apesar de o primeiro trimestre de 2016 ter-se caracterizado pela turbulência financeira que afetou a China e seus parceiros comerciais regionais. Com isso, as importações da Ásia, nesse trimestre, caíram, mas tal queda foi de curta duração, tendo sido registrado crescimento de 2,1% ao final do ano (WTO, 2017a). Por outro lado, as exportações das Américas do Sul e Central e de outras regiões (que englobam a África, o Oriente Médio e a Comunidade dos Estados Independentes), começaram a recuar intensamente a partir do segundo trimestre de 2016.

Em relação às Américas do Sul e Central, houve um declínio das importações ainda mais intenso e persistente do que das exportações, começando no início de 2015. Esse declínio é explicado pelos baixos preços das *commodities* e pela atual recessão econômica pela qual passa o Brasil, país que puxou para baixo as importações dessas duas regiões. Enquanto isso, tanto as exportações quanto as importações europeias cresceram mais rápido que as da América do Norte, que ficaram praticamente estagnadas desde o início de 2015. A América do Norte, contudo, ainda que apresentasse crescimento positivo do comércio, foi uma das regiões que mais concorreram para a debilidade das importações mundiais em 2016. Já a Ásia e a Europa foram as únicas regiões que contribuíram de forma significativa para a demanda por importações globais (WTO, 2017a).

Gráfico 3

Volume das exportações mundiais e por regiões de bens — 1.º trim./12–4.º trim./16



FONTE DOS DADOS BRUTOS: WTO.

UNCTAD (2017).

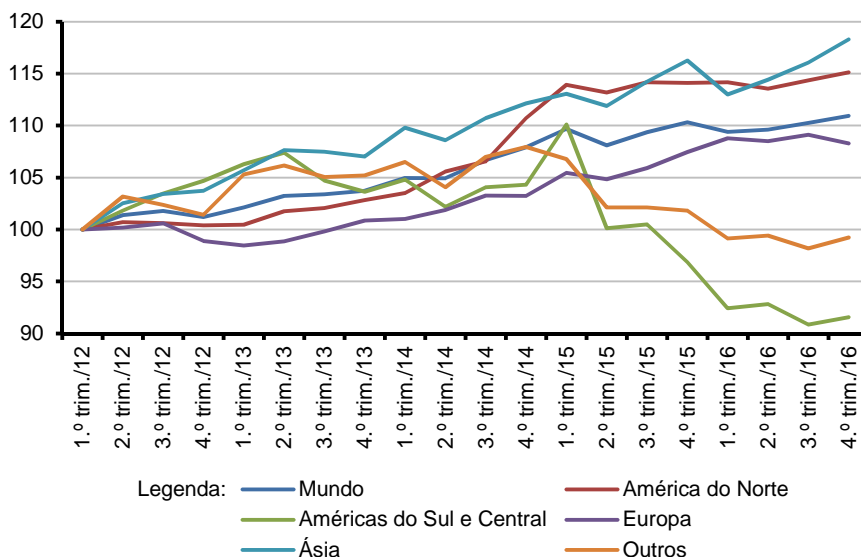
NOTA: 1. Índices ajustados sazonalmente.

2. 1.º trimestre de 2012 = 100.

3. A legenda "outros" compreende: África, Oriente Médio e Comunidade dos Estados Independentes.

Gráfico 4

Volume das importações mundiais e por regiões de bens — 1.º trim./12–4.º trim./16



FONTE DOS DADOS BRUTOS: WTO.

UNCTAD (2017).

NOTA: 1. Índices ajustados sazonalmente.

2. 1.º trimestre de 2012 = 100.

3. A legenda "outros" compreende: África, Oriente Médio e Comunidade dos Estados Independentes.

Embora a queda dos preços das *commodities* possa afetar de maneira ambígua os diferentes países, na medida em que apresenta diferentes impactos distributivos entre eles (ajudando os importadores líquidos e prejudica os exportadores líquidos), na prática, a queda dos preços desde 2014 parece ter tido um grande impacto negativo nos países produtores de *commodities* sem um impacto correspondente nos países importadores. Assim, em 2016, a grande retração dos preços do petróleo e dos metais desde meados de 2014 privou as regiões exportadoras de recursos para importações. Mesmo com os preços dos produtos básicos estabilizando-se e registrando

uma recuperação parcial em 2016, é improvável um retorno aos níveis de preços de alguns anos atrás, principalmente enquanto os estoques de petróleo continuarem elevados e o dólar americano permanecer forte. Nesse particular, os valores, em dólares, dos fluxos de comércio internacional foram fortemente influenciados pelas taxas de câmbio nos últimos anos (WTO, 2017a).

De acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) (2016, 2016a), entre os fatores que permitem explicar esse baixo dinamismo do comércio global, apresentam-se os de caráter cíclico (a deprimida demanda agregada mundial, a queda importante da taxa de investimento, a diminuição dos preços dos produtos básicos, as crescentes tendências protecionistas e a aplicação de políticas fiscais e monetárias restritivas em vários países em desenvolvimento para conter os choques externos negativos) e os de caráter estrutural (o abrandamento das cadeias globais de valor, o menor ritmo liberalização do comércio e a menor expansão da economia da China). Adicionalmente, fatores como a volatilidade financeira dos mercados emergentes, a intensificação das incertezas políticas e o fraco crescimento da produtividade também contribuem para a persistente fraqueza do dinamismo comercial global (IMF, 2017; World Bank Group, 2017).

Um dos pontos de maior destaque e magnitude na contribuição da desaceleração do comércio global está relacionado ao declínio das taxas de investimento das economias emergentes e desenvolvidas, que é reflexo, em grande medida, do processo de redução ordenada do ritmo de crescimento da China. Essa nova dinâmica da economia chinesa é central na explicação da tendência de redução do comércio global dos últimos anos, dada sua grande participação nos fluxos internacionais de comércio (mais de 10%) e, especialmente, no investimento global (cerca de 25%). Logo, a desaceleração chinesa traz implicações globais consideráveis através dos canais de comércio. Os efeitos comerciais são tanto diretos (redução da demanda para os principais parceiros comerciais) quanto indiretos (impacto nos preços internacionais de produtos específicos que a China importa), afetando as taxas de câmbio e os mercados de ativos de outros países. Contudo, o declínio dos investimentos e das importações de alguns países exportadores de *commodities* também desempenha um papel importante na explicação das tendências mundiais, principalmente naqueles países que enfrentam dificuldades macroeconômicas, como o Brasil e a Rússia.

Em adição, segundo o Banco Mundial (World Bank Group, 2017), o lento aumento do investimento é, em parte, uma correção dos altos níveis pré-crise, mas também reflete obstáculos ao crescimento que enfrentam as economias emergentes e em desenvolvimento, incluindo os baixos preços do petróleo, a diminuição do investimento estrangeiro direto, o ônus da dívida privada e o risco político. Todos esses fatores afetaram a dinâmica do comércio e da economia globais, o que, de alguma forma, repercute em qualquer economia, inclusive na do Brasil e na do Rio Grande do Sul.

3 O Rio Grande do Sul no contexto das exportações brasileiras

O valor exportado de US\$ 939,9 milhões pelo Rio Grande do Sul em 2016 colocou o Estado como o quarto maior exportador brasileiro, atrás de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, uma posição abaixo do *ranking* em 2015 (Tabela 1). Em relação ao desempenho brasileiro, houve movimentações de sentidos inversos quanto à variação de volume e preço: enquanto o volume embarcado do Rio Grande do Sul retraiu-se em 7,2%, e o preço médio cresceu 2,5%, o volume embarcado brasileiro cresceu 1,2%, e os preços retraíram-se em 4,2% (Gráfico 5). Quanto ao valor exportado, em dólares, ambas as economias registraram retrações em relação a 2015.

Tabela 1

Valor exportado, participação e variações de valor, volume e preço das exportações do Brasil e dos estados exportadores — 2016/15

BRASIL E ESTADOS EXPORTADORES	2015		2016		Variação (2016/15)			
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
BRASIL	191.134,3	100,0	185.235,4	100,0	-5.898,9	-3,1	1,2	-4,2
São Paulo	45.575,6	23,8	46.206,0	24,9	630,4	1,4	9,6	-7,5
Minas Gerais	22.009,2	11,5	21.920,7	11,8	-88,6	-0,4	4,8	-5,0
Rio de Janeiro	17.026,5	8,9	17.185,7	9,3	159,1	0,9	6,3	-5,1
Rio Grande do Sul	17.518,1	9,2	16.578,2	8,9	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
Paraná	14.909,1	7,8	15.171,1	8,2	262,0	1,8	-3,2	5,1
Mato Grosso	13.070,9	6,8	12.588,6	6,8	-482,3	-3,7	1,3	-4,9
Pará	10.272,5	5,4	10.511,3	5,7	238,8	2,3	16,2	-11,9
Santa Catarina	7.644,0	4,0	7.593,4	4,1	-50,6	-0,7	4,7	-5,1
Bahia	7.883,2	4,1	6.776,5	3,7	-1.106,7	-14,0	-11,1	-3,3
Espírito Santo	9.830,2	5,1	6.530,8	3,5	-3.299,5	-33,6	-40,0	10,7
Demais estados	25.394,9	13,3	24.173,1	13,0	-1.221,8	-4,8	-	-

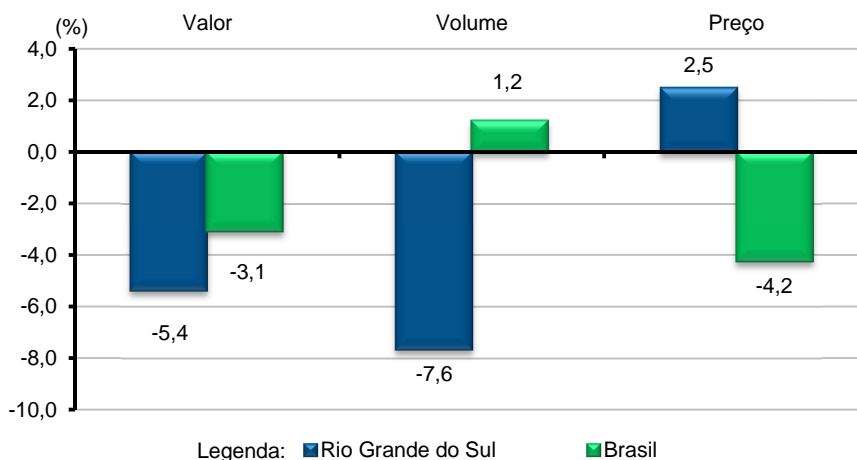
FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

NOTA: Ordenados pela participação de 2016.

Gráfico 5

Variações de valor, volume e preço das exportações do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2016/15

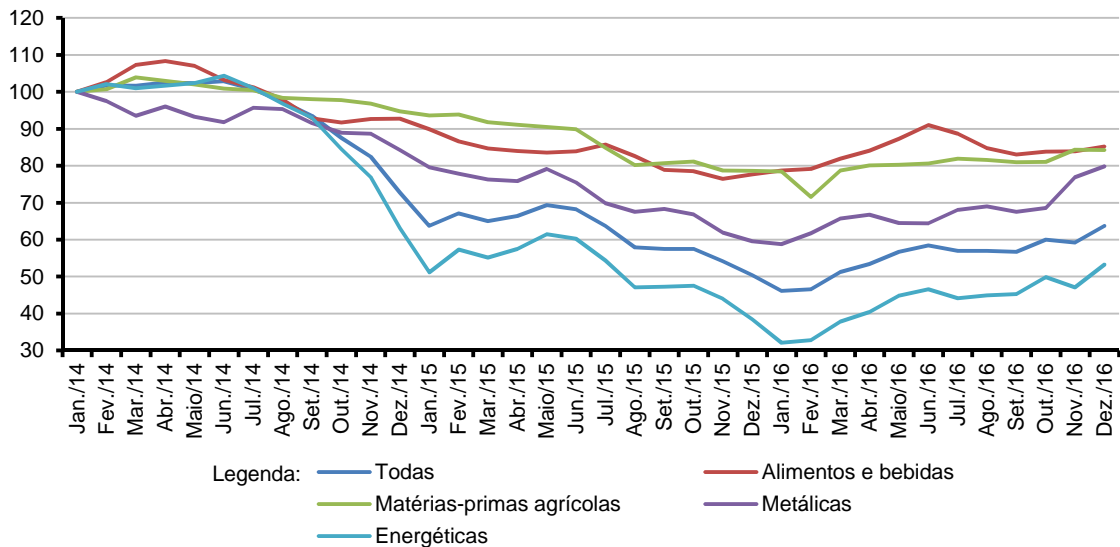


FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

Um fator essencial para a diferença de *performance* entre as exportações brasileiras e gaúchas reside no perfil de suas pautas exportadoras. A despeito das duas terem grande participação das *commodities* em sua composição, a gaúcha conta, basicamente, com a soja em grão, ao passo que o Brasil abarca, além da oleaginosa, o petróleo e o minério de ferro. Nesse tocante, o Gráfico 6 apresenta os preços internacionais de *commodities* de 2014 a 2016. A partir do Gráfico 6 (bem como do Gráfico 7), percebe-se a queda menos intensa das *commodities* alimentícias (soja em grão) em oposição às *commodities* energéticas (petróleo) e minerais (minério de ferro). A partir de meados de 2014, com o fim do *boom* das *commodities*, todas as categorias registraram fortes recuos nos preços, apesar das diferentes intensidades. Já a partir do início de 2016, todos os preços começaram a dar sinais de reversão da tendência baixista e passaram a apresentar importantes valorizações ao ponto de as alimentícias apresentarem crescimento de 1,9% em 2016, de 4,5% do minério de ferro e de 4,4% da soja em grão. Por outro lado, o preço total das *commodities* recuou em 10,1%, puxado pela forte retração das energéticas (-16,5%).

Gráfico 6

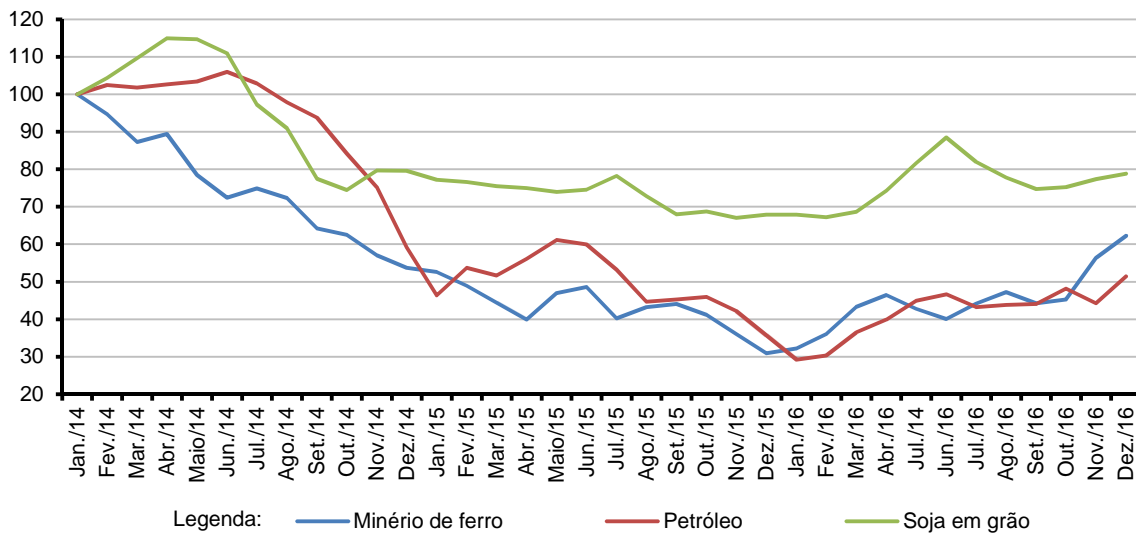
Evolução mensal dos preços internacionais de *commodities*, por categorias — jan./14-dez./16



FONTES DOS DADOS BRUTOS: International Monetary Fund (2017a).
 NOTA: Os índices têm como base jan./14 = 100.

Gráfico 7

Evolução mensal dos preços internacionais de *commodities* selecionadas — jan./14 a dez./16

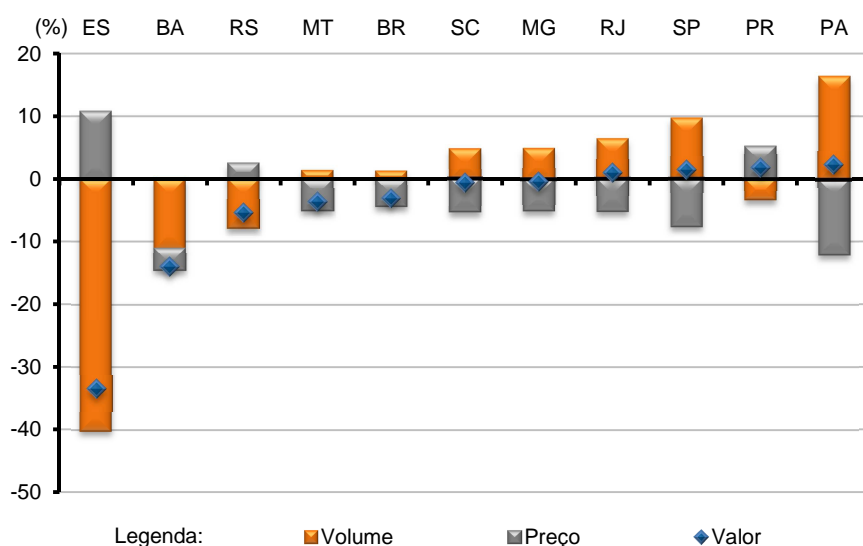


FONTES DOS DADOS BRUTOS: International Monetary Fund (2017a).
 NOTA: Os índices têm como base jan./14 = 100.

Desagregando-se os dados das vendas externas dos 10 principais exportadores estaduais por volume, preço e valor (Gráfico 8), verifica-se que praticamente todos apresentaram recuos nos seus preços médios, com destaque para o Pará (-11,9%) e São Paulo (-7,5%). Quanto ao volume embarcado, seis estados registraram crescimentos, tendo o Pará (16,2%) e São Paulo (9,6%) como destaques, enquanto o Espírito Santo registrou uma forte queda de 40%. Por sua vez, apenas quatro estados exibiram incremento nas receitas auferidas em dólar, em 2016.

Gráfico 8

Variações de volume, preço e valor das exportações do Brasil e dos principais estados exportadores — 2016-15



FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

4 As exportações gaúchas em 2016

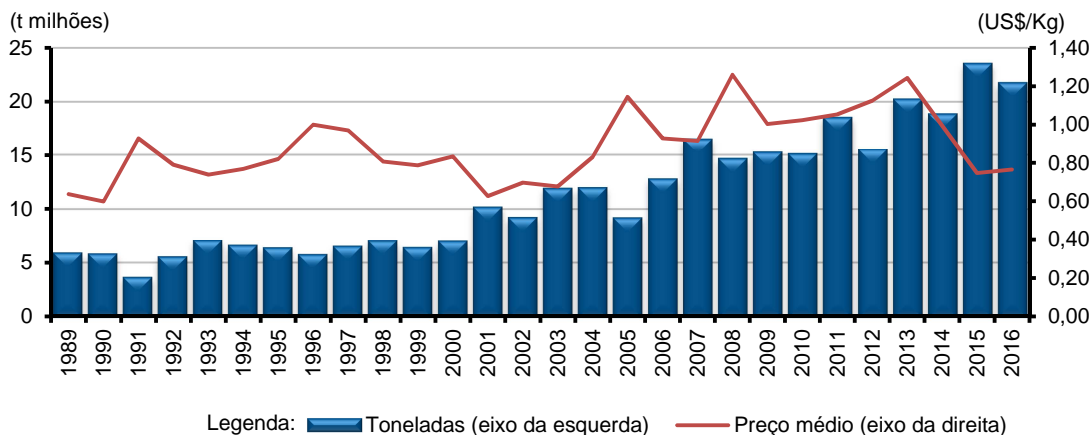
Esta seção remete-se à análise das exportações do Rio Grande do Sul em diversos níveis: em um primeiro momento, expõem-se os dados gerais das vendas externas gaúchas e, posteriormente, os dados são desagregados e apresentados de duas formas, quais sejam: por fator agregado e ao nível de produtos. Por fim, expõem-se as exportações gaúchas por países de destino.

4.1 Breve panorama da evolução histórica

Apesar da retração em 2016, o volume embarcado para o exterior foi o segundo maior de toda a série histórica, iniciada em 1989, totalizando 21,674 milhões de toneladas, atrás apenas do de 2015. Já os preços, que começaram a se retrair no final de 2012 e, com maior intensidade, no final de 2014, iniciaram uma recuperação gradual ao longo de 2016. Esse movimento foi influenciado pela recuperação, ainda que incipiente, dos preços dos produtos básicos, na esteira da recuperação pontual nos preços internacionais de algumas *commodities* primárias importantes para o Estado, como a soja em grão e o fumo em folhas. Nesse tocante, os preços médios dos produtos exportados pelo Rio Grande do Sul voltaram a crescer após dois anos de fortes quedas (Gráfico 9). Por outro lado, o valor em dólar auferido, em 2016, alcançou o menor patamar desde 2010 e registrou o terceiro ano consecutivo de queda (Gráfico 10). Logo, o modesto crescimento dos preços (2,5%) não foi suficiente para compensar o recuo (-7,6%) do volume embarcado, resultando em receitas menores do que em 2015 (-5,4%).

Gráfico 9

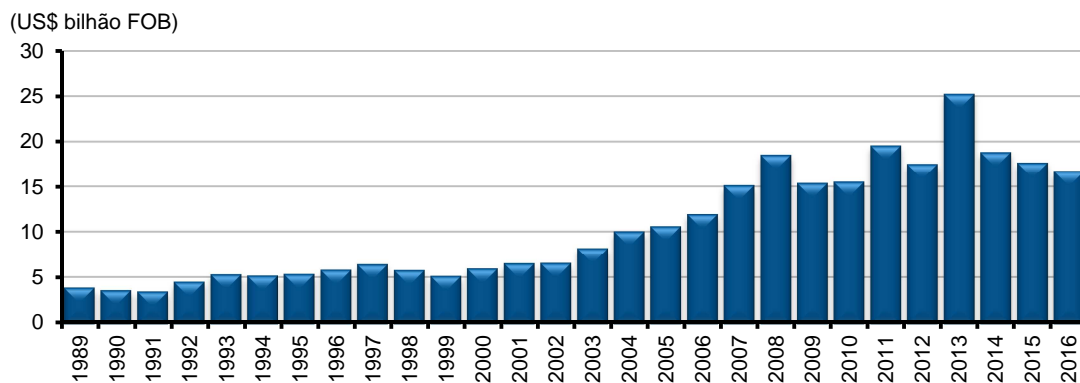
Evolução do volume embarcado e dos preços médios do Rio Grande do Sul — 1989-2016



FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Gráfico 10

Evolução do valor exportado pelo Rio Grande do Sul — 1989-2016



FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).
 NOTA: Valores correntes.

4.2 Exportações gaúchas por fator agregado

Observando-se os dados das exportações gaúchas por fator agregado (Tabela 2 e Gráfico 11) apreende-se que o recuo do volume embarcado total deu-se a despeito da forte queda das vendas de produtos industrializados, ou seja, tanto dos semimanufaturados (47,4%) quanto dos manufaturados (2,5%). Mesmo com o crescimento da participação de cada uma dessas classes no total exportado pelo Estado, tal participação representou menos da metade (47,7%) da pauta em 2016. Adicionalmente, mesmo com quedas expressivas nos preços dos produtos industrializados, o preço médio total dos bens vendidos pelo Rio Grande do Sul elevou-se em 2,5%. Avalia-se, dessa forma, que a dinâmica exportadora dos produtos básicos foi a que definiu o comportamento agregado das exportações gaúchas em 2016.

Tabela 2

Exportações do Rio Grande do Sul por fator agregado — 2016/15

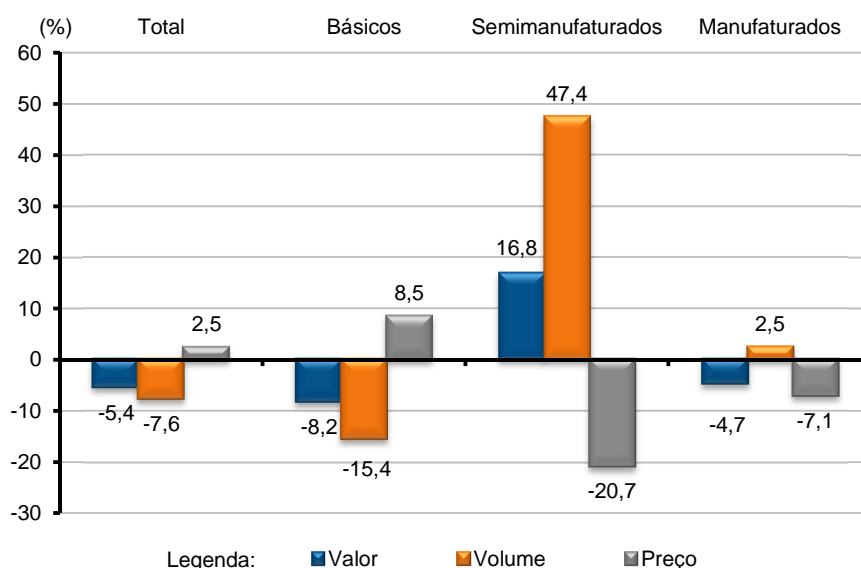
FATOR AGREGADO	2015		2016		Variação (2016/15)			Preço (%)
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor		Volume (%)	
					US\$ milhões	%		
TOTAL	17.518,1	100,0	16.578,2	100,0	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
Básicos	9.312,8	53,2	8.552,3	51,6	-760,4	-8,2	-15,4	8,5
Semimanufaturados	1.319,9	7,5	1.542,0	9,3	222,0	16,8	47,4	-20,7
Manufaturados	6.686,4	38,2	6.372,5	38,4	-313,9	-4,7	2,5	-7,1
Operações especiais	199,1	1,1	111,4	0,7	-87,7	-44,0	-	-

FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017)

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

Gráfico 11

Variação de valor, volume e preço das exportações do Rio Grande do Sul por fator agregado — 2016/15

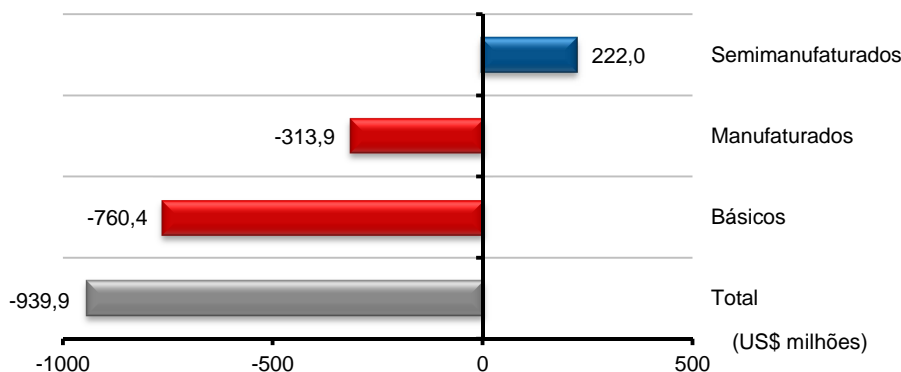


FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

Conforme pode ser identificado no Gráfico 12, o recuo das exportações gaúchas de US\$ 939,9 milhões em 2016 em relação a 2015 foi puxado pela retração das receitas obtidas pelas vendas de produtos básicos (US\$ -760,4 milhões), além da retração de US\$ 313,9 milhões das vendas de produtos manufaturados. O crescimento de US\$ 222,0 milhões das vendas de produtos semimanufaturados apenas amenizou a queda agregada.

Gráfico 12

Variação de valor das exportações gaúchas por fator agregado — 2016/15



FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

4.3 Exportações gaúchas por produtos

Em um nível ainda mais desagregado, identifica-se que os produtos que mais contribuíram negativamente para o resultado geral das exportações gaúchas foram: a soja em grão, o trigo e o arroz (todos pertencentes aos produtos básicos), conforme exposto na Tabela 3.

Tabela 3

Produtos com as maiores variações negativas de valor — 2016/15

PRODUTOS	2015		2016		Variação (2016/15)			
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor US\$ milhões	%	Volume (%)	Preço (%)
TOTAL	17.518,1	100,0	16.578,2	100,0	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
Soja em grão	4.095,1	23,4	3.773,7	22,8	-321,5	-7,9	-10,6	3,0
Trigo em grãos	309,9	1,8	90,8	0,5	-219,1	-70,7	-64,9	-16,6
Arroz em grãos	338,8	1,9	237,2	1,4	-101,6	-30,0	-27,8	-3,1
Farelo de soja	980,2	5,6	886,2	5,3	-94,0	-9,6	-6,7	-3,1
Carne de frango	1.134,2	6,5	1.041,8	6,3	-92,4	-8,1	-0,5	-7,7

FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

NOTA: Produtos ordenados de forma decrescente pela variação de valor, em dólares.

A retração de 1,125 milhão de toneladas (-10,6%) nas vendas de soja em grão para o exterior foi a que mais impactou negativamente o volume embarcado do Rio Grande do Sul. Apenas para a China, principal destino do grão, as vendas recuaram em 1,138 milhão de toneladas (-12,1%). Um fato atípico decorre do crescimento da produção da oleaginosa (3,2%), mas do recuo de suas exportações (-10,6%), na medida em que grande parte do grão produzido pelo Estado se volta à exportação. Adicionalmente, até o primeiro semestre de 2016, as vendas externas de soja em grão alcançaram o recorde de toda a série histórica. Contudo, alguns fatores contribuem para a explicação desse desempenho incomum. O primeiro fator consiste na estratégia de os exportadores segurarem os estoques do grão para alcançarem maiores preços, tanto pela valorização no mercado internacional que a soja vinha registrando na época quanto pela variação cambial (Torezani, 2017). Outros fatores também contribuíram para o referido desempenho, conforme indica Feix (2017). A frustração da produção em estados como, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia criou um incentivo à retenção de uma parcela adicional da safra gaúcha para garantir o atendimento da demanda do resto do Brasil em detrimento do direcionamento para as vendas externas de soja. Além disso, a perspectiva da dimensão da safra dos Estados Unidos (principal produto mundial) criada a partir de questões climáticas excepcionalmente favoráveis ao desenvolvimento da cultura acelerou a comercialização dos estoques de passagem da economia norte-americana e reduziu a demanda pela produção sul-americana ainda disponível.

Nesse tocante, os dados das exportações de soja em grão de 2017 já trazem indícios da efetiva tentativa de capitalização do setor em 2016 — com o intuito de aumentar sua margem de ganho a partir da valorização do

grão no mercado externo e do movimento de depreciação do real frente ao dólar no período em questão (FEE, 2017) —, bem como do efeito da antecipação das vendas de grãos norte-americanos. Enquanto não são usuais grandes embarques no início do ano, as vendas externas gaúchas da oleaginosa passaram de 59,1 mil toneladas em janeiro de 2016 para 312,1 mil toneladas em janeiro de 2017, o que representa um forte crescimento de 428,2% em volume e de 490,5% em valor, resultando em uma participação na pauta exportadora de 11,5% ante 2,6% em 2016. Tanto a quantidade embarcada quanto as receitas auferidas das vendas da oleaginosa em 2017 registraram recorde histórico para o mês de janeiro (110% em valor e 139% em volume a mais do que em janeiro de 2012, antigo recorde mensal de janeiro), além de toda a soja exportada ter sido destinada para a China (FEE, 2017).

Já o recuo nas vendas de trigo (-70,7% em valor e -64,9% em volume) deu-se pela boa qualidade na produção dos grãos, que cresceu 82,5%. Com tal qualidade, os grãos voltam-se ao abastecimento do mercado interno, diferentemente do que ocorre quando os grãos não atingem a qualidade mínima exigível e são vendidos ao exterior. Nesse sentido, o recuo das vendas mostrou-se, sobretudo, para Tailândia, Bangladesh, Filipinas, Coreia do Sul e Vietnã. Já a retração das vendas de arroz (-30,0% em valor e -27,8% em volume) foi ocasionada pela quebra de safra por conta do excesso de chuva.

Por outro lado, os destaques positivos, em 2016, foram as vendas de celulose, calçados e automóveis de passageiros — todos produtos industrializados (Tabela 4). No que tange à celulose, houve crescimento de 789 mil toneladas e recorde de volume embarcado para a China (principal destino da celulose gaúcha) e para outros 18 países, com vendas totais para 28 diferentes mercados. Tal crescimento decorre da quadruplicação da capacidade produtiva da planta produtora em Guaíba e da base de comparação ainda baixa. Enquanto, em 2014, foram embarcadas 284 mil toneladas de celulose ao exterior, em 2015, esse valor saltou para 664 mil toneladas e, em 2016, para 1,452 milhão de toneladas.

Tabela 4

Produtos com as maiores variações positivas de valor — 2016/15

PRODUTOS	2015		2016		VARIÇÃO (2016/15)			
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
TOTAL	17.518,1	100,0	16.578,2	100,0	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
Celulose	305,7	1,7	592,3	3,6	286,6	93,8	118,8	-11,5
Automóveis de passageiros	237,3	1,4	346,6	2,1	109,2	46,0	47,1	-0,7
Calçados	370,0	2,1	435,9	2,6	65,9	17,8	42,3	-17,2
Fumo em folhas	1.535,1	8,8	1.589,9	9,6	54,8	3,6	-1,5	5,2
Carne suína	398,5	2,3	425,1	2,6	26,6	6,7	22,3	-12,8

FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

NOTA: Produtos ordenados de forma decrescente pela variação de valor, em dólares.

As vendas de calçados cresceram 17,8% em valor e 42,3% em volume (8,227 milhões de pares vendidos a mais do que em 2015), influenciadas pelo aumento da rentabilidade do setor no ano, pela contração do mercado interno e pelo aumento na participação em feiras internacionais. Foram registrados crescimentos nos embarques para a Argentina (1,713 milhão de pares), Estados Unidos (1,590 milhão de pares) — os dois destinos mais tradicionais dos calçados gaúchos — e para outros 100 países. Já as vendas de automóveis cresceram 46,0% em valor e 47,1% em volume, influenciadas também pela contração do mercado interno e pelo estabelecimento de novos acordos automotivos, a partir de 2015, no âmbito federal, principalmente com países latino-americanos, com o consequente crescimento das exportações para a Colômbia e início das vendas para o Chile (mais três mil unidades cada), além da forte retomada das encomendas da Argentina (mais sete mil unidades).

Podem-se mencionar outros produtos que também contribuíram positivamente para os embarques gaúchos em 2016. Apesar do recuo em valor de 4,1%, os embarques de polímeros plásticos cresceram 11,0% devido à elevação dos embarques para os Estados Unidos e para outros 45 países e pelo incremento da rentabilidade do setor a partir da redução de custos da matéria-prima e do movimento cambial. As vendas de carnes (tanto suína quanto bovina) para a China também foram importantes para o desempenho do volume no ano. As exportações de carne suína cresceram 6,7% em valor e 22,3% em volume, com crescimento dos embarques para a China (1.346%) e para outros 35 países. Vale ressaltar que não houve embarques para o “gigante asiático” entre 2006 e 2014. Tal crescimento das vendas de carne suína advém da recuperação de mercados embargados e da expansão de novos mercados. Já as vendas de carne bovina cresceram 31,1% em valor e 25,6% em volume, no total — com elevação de 539% dos embarques para a China — e se caracterizaram, assim como na carne suína, pela

recuperação de antigos parceiros e expansão de novos mercados. As vendas de bovinos vivos (304,2% em valor) também se destacaram, saltando de oito mil cabeças vendidas em 2015 para 52 mil em 2016, sendo 46 mil para a Turquia, País que não tinha comprado nada em 2015. Ressalta-se que os embarques de bovinos vivos iniciaram-se apenas em 2015, deixando em aberto se esse movimento foi conjuntural ou se é o início de uma tendência.

Mesmo com a forte retração nas vendas de soja em grão, a oleaginosa continuou sendo o produto mais vendido pelo Rio Grande do Sul (22,8% da pauta exportadora), conforme pode ser observado na Tabela 5. Os demais produtos principais vendidos foram: fumo em folhas (9,6%), carne de frango (6,3%), polímeros plásticos (6,1%) e farelo de soja (5,3%). A venda desses cinco produtos representou metade de toda a receita exportadora gaúcha. Se considerarmos os 10 principais produtos, eles representaram quase dois terços da pauta (63,8%), enquanto os 15 principais contribuíram com mais de 70% das receitas exportadoras de 2016. Ademais, houve recorde histórico no volume embarcado de celulose, de polímeros plásticos e de outros 62 produtos de menor participação na pauta gaúcha. Ainda, em termos de valor exportado, houve recorde em 35 produtos, com destaque, novamente, para a celulose.

Tabela 5

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2016/15

PRODUTOS	2015		2016		VARIACÃO (2016/15)			
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
Total	17.518,1	100,0	16.578,2	100,0	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
Soja em grãos	4.095,1	23,4	3.773,7	22,8	-321,5	-7,9	-10,6	3,0
Fumo em folhas	1.535,1	8,8	1.589,9	9,6	54,8	3,6	-1,5	5,2
Carne de frango	1.134,2	6,5	1.041,8	6,3	-92,4	-8,1	-0,5	-7,7
Polímeros	1.059,7	6,0	1.016,8	6,1	-42,9	-4,1	11,0	-13,5
Farelo de soja	980,2	5,6	886,2	5,3	-94,0	-9,6	-6,7	-3,1
Celulose	305,7	1,7	592,3	3,6	286,6	93,8	118,8	-11,5
Calçados	370,0	2,1	435,9	2,6	65,9	17,8	42,3	-17,2
Couros e peles	490,5	2,8	427,8	2,6	-62,6	-12,8	-8,6	-4,5
Carne suína	398,5	2,3	425,1	2,6	26,6	6,7	22,3	-12,8
Plataformas de petróleo	394,2	2,3	388,9	2,3	-5,3	-1,3	-2,5	1,2
Automóveis de passageiros	237,3	1,4	346,6	2,1	109,2	46,0	47,1	-0,7
Arroz em grãos	338,8	1,9	237,2	1,4	-101,6	-30,0	-27,8	-3,1
Partes e peças para veículos automotores e tratores	225,0	1,3	218,3	1,3	-6,7	-3,0	1,4	-4,3
Hidrocarbonetos	243,5	1,4	209,6	1,3	-33,9	-13,9	5,0	-18,0
Óleo de soja em bruto	212,4	1,2	196,7	1,2	-15,7	-7,4	-10,2	3,1
Demais produtos	5.497,9	31,4	4.791,6	28,9	-706,3	-12,8	-	-

FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

NOTA: Produtos ordenados pela participação de 2016.

4.4 Exportações gaúchas por países de destino

No que tange aos países de destino dos produtos gaúchos exportados (Tabela 6), observa-se a permanência de China, Argentina e Estados Unidos como os principais importadores. Contudo, apenas a Argentina e os Estados Unidos elevaram suas participações em relação a 2015. Em termos de volume, as importações argentinas provenientes do Rio Grande do Sul cresceram 10,9%, e as dos Estados Unidos, 25,5%. Esses resultados são relevantes na medida em que são países para os quais o Rio Grande do Sul exporta bens de maior valor agregado, ou seja, produtos industrializados. Por outro lado, a composição da pauta exportadora para a China é predominantemente de produtos primários, notadamente, a soja em grão. Holanda e Bélgica completam a lista dos cinco principais destinos das vendas externas gaúchas, com o adendo de que ambos os países servem de porta de entrada para as mercadorias gaúchas na União Europeia como um todo.

Tabela 6

Principais países de destinos dos produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2016/15

PAÍSES DE DESTINO	2015		2016		VARIÇÃO (2016/15)			
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
TOTAL	17.518,1	100,0	16.578,2	100,0	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
China	4.861,3	27,8	4.321,1	26,1	-540,3	-11,1	-4,8	-6,6
Argentina	1.271,0	7,3	1.303,7	7,9	32,7	2,6	10,9	-7,5
Estados Unidos	1.189,8	6,8	1.227,1	7,4	37,3	3,1	25,5	-17,8
Holanda	426,5	2,4	620,9	3,7	194,4	45,6	-56,1	231,6
Bélgica	430,2	2,5	497,7	3,0	67,4	15,7	9,5	5,6
Coreia do Sul	449,1	2,6	416,0	2,5	-33,1	-7,4	-15,9	10,1
Uruguai	421,2	2,4	394,8	2,4	-26,4	-6,3	-10,8	5,1
Irã	133,4	0,8	385,3	2,3	251,9	188,8	170,8	6,6
Alemanha	354,5	2,0	369,5	2,2	15,0	4,2	57,3	-33,7
Paraguai	376,5	2,1	355,4	2,1	-21,1	-5,6	5,5	-10,5
Chile	338,2	1,9	345,8	2,1	7,6	2,3	-1,4	3,7
Rússia	371,0	2,1	340,4	2,1	-30,6	-8,3	34,3	-31,7
Arábia Saudita	330,4	1,9	283,8	1,7	-46,6	-14,1	-9,9	-4,6
Eslovênia	266,7	1,5	260,3	1,6	-6,5	-2,4	-2,0	-0,5
Hong Kong	256,8	1,5	255,7	1,5	-1,1	-0,4	0,9	-1,4
Demais países	6.041,3	34,5	5.200,6	31,4	-840,7	-13,9	-	-

FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

NOTA: Países ordenados pela participação em 2016.

Quando se analisam as maiores variações positivas do valor exportado em 2016 em relação a 2015 (Tabela 7), os dois países que se destacam são: Irã (US\$ 251,9 milhões) e Holanda (US\$ 194,4 milhões). O forte crescimento das vendas para o Irã deve-se à suspensão das sanções da Organização das Nações Unidas (ONU) contra o País. Já a elevação das exportações para a Holanda deu-se em função da venda ficta do casco da plataforma de petróleo e gás P-68, no mês de novembro, por US\$ 388,9 milhões.

Tabela 7

Países com as maiores variações positivas em valor — 2016/15

PAÍSES	2015		2016		VARIÇÃO (2016/15)			
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
TOTAL	17.518,1	100,0	16.578,2	100,0	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
Irã	133,4	0,8	385,3	2,3	251,9	188,8	170,8	6,6
Holanda	426,5	2,4	620,9	3,7	194,4	45,6	-56,1	231,6
Paquistão	12,6	0,1	118,8	0,7	106,2	840,6	3330,1	-72,6
Bélgica	430,2	2,5	497,7	3,0	67,4	15,7	9,5	5,6
Colômbia	195,5	1,1	238,2	1,4	42,6	21,8	75,8	-30,7

FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

NOTA: Países ordenados de forma decrescente pela variação de valor, em dólares.

Já as maiores variações negativas (Tabela 8) foram registradas para a China (US\$ -540,3 milhões), por conta da venda, em 2015, do casco da plataforma P-67 por US\$ 394,2 milhões e do recuo das compras de soja em grãos; para o Vietnã (US\$ -261,7 milhões), em virtude da redução das importações de grãos como o de soja, trigo e milho, além do farelo de soja; e para a Venezuela (US\$ -256,7 milhões), sobretudo, pelas reduções nas compras de carne de frango, leite em pó e tratores, em função da forte crise econômica pela qual passa o País.

Tabela 8

Países com as maiores variações negativas em valor — 2016/15

PAÍSES	2015		2016		VARIÇÃO (2016/15)			
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
TOTAL	17.518,1	100,0	16.578,2	100,0	-939,9	-5,4	-7,6	2,5
China	4.861,3	27,8	4.321,1	26,1	-540,3	-11,1	-4,8	-6,6
Vietnã	444,7	2,5	183,0	1,1	-261,7	-58,8	-64,3	15,3
Venezuela	439,2	2,5	182,5	1,1	-256,7	-58,4	-47,6	-20,6
Tailândia	148,0	0,8	38,0	0,2	-110,0	-74,3	-94,7	382,4
Cuba	141,9	0,8	75,2	0,5	-66,6	-47,0	-64,4	48,8

FONTE: Secex-MDIC (Brasil, 2017).

Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais (NDEC-FEE) (FEE, 2017a).

NOTA: Países ordenados de forma decrescente pela variação de valor, em dólares.

5 Considerações finais

As exportações gaúchas recuaram em valor e volume, em 2016, puxadas negativamente pelo desempenho dos produtos básicos, em especial da soja em grão, do trigo e do arroz. Por outro lado, o volume embarcado de produtos industrializados (semimanufaturados e manufaturados) elevou-se, sobretudo em produtos relevantes da pauta gaúcha, como calçados, automóveis e celulose, que vêm ganhando espaço na pauta ano após ano. Adicionalmente, em 2016, foi registrado o segundo maior volume embarcado da história do Rio Grande do Sul, e os seus preços médios de exportação voltaram a crescer após dois anos. Logo, na medida em que os produtos que puxaram para baixo a dinâmica exportadora gaúcha o fizeram por motivos bem pontuais, em especial pela tentativa frustrada de capitalização do setor da soja em grão, e pela conjuntura externa — uma das piores dos últimos anos, caracterizada pelo baixo crescimento do comércio global, elevação de práticas protecionistas, retração dos investimentos e deflação nos preços dos produtos —, o desempenho não tão favorável das exportações gaúchas em 2016 pode ser, em certa medida, relativizado. Esses resultados apenas reforçam a necessidade da diversificação da pauta exportadora do Estado, com o avanço nas cadeias de valor, bem como da ampliação dos seus mercados de destino, para que movimentos conjunturais ou estruturais não afetem sobremaneira as receitas e os embarques dos produtos gaúchos destinados ao exterior.

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior**: AliceWeb. 2017. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Balance preliminar de las economías de América Latina y el Caribe**: 2016. Santiago, 2016.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe**: la región frente a las tensiones de la globalización. Santiago, 2016a.

FEIX, R. D. Safra recorde, exportações em queda: o desempenho do complexo soja gaúcho em 2016. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 7-8, 2017.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Impulsionadas pela soja, exportações gaúchas crescem fortemente em janeiro**. 2017. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/exportacoes/impulsionadas-pela-soja-exportacoes-gauchas-crescem-fortemente-em-janeiro/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Preços voltam a crescer em 2016, mas exportações gaúchas recuam em valor e volume.** 2017a. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/exportacoes/precos-voltam-crescer-em-2016-mas-exportacoes-gauchas-recuam-em-valor-e-volume/>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). A shifting global economic landscape. **World Economic Outlook Update**, Washington, DC, 16 Jan. 2017.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **IMF Primary Commodity Prices.** 2017a. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

NETHERLANDS. Centraal Planbureau. **CPB World Trade Monitor.** 2017. Disponível em: <<https://www.cpb.nl/en>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

TOREZANI, T. A. O desempenho exportador do Rio Grande do Sul em 2016. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 5-6, 2017.

WORLD BANK GROUP. **Global economic prospects: weak investment in uncertain times.** Washington, DC, 2017.

WORLD BANK GROUP. **World Bank Open Data.** 2017a. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO). **Merchandise trade — statistics.** 2017. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/statis_e.htm>. Acesso em: 16 mar. 2017.

WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO). **Trade recovery expected in 2017 and 2018, amid policy.** [Geneva], 2017a. (Press Release, n. 791).

WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO); UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). **Quarterly merchandise trade volume indices.** 2017. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/statis_e.htm>. Acesso em: 16 mar. 2017.